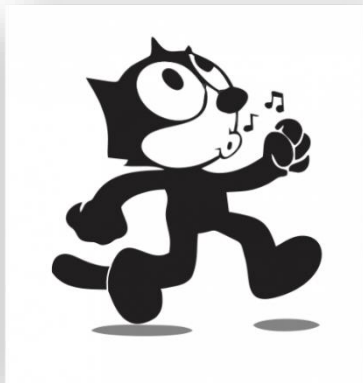
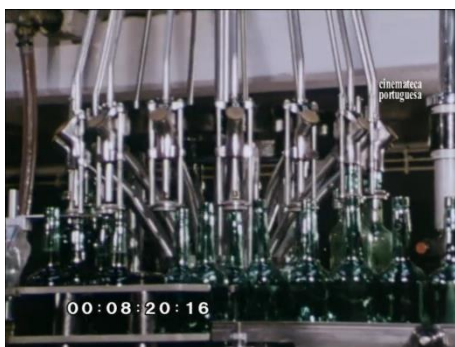




Cinemateca Júnior & Cinemateca Digital O TRABALHO

A partir de uma coleção de filmes portugueses, vamos passear pela nossa história e geografia, mergulhar no mundo dos avós, bisavós, trisavós e tetravós e trazer desse mergulho peças preciosas e raras que nos ajudam a conhecer melhor aqueles tempos, outros usos e valores e por acréscimo conhecer melhor o nosso tempo. Perceber que não vivemos sempre assim, que houve tempos sem internet, sem telemóveis, sem televisão, sem trânsito, sem pressa, sem poluição, quase sem carros, sem aviões, sem liberdade, sem democracia e sem sapatos. Esta viagem vai fazer-se através de representações digitais de filmes disponíveis na **Cinemateca Digital**. Filmes, sobretudo, de atualidades ou documentais, mas também pequenos filmes de animação e comédia, que abordam temas muito variados, alguns familiares outros nem tanto. Arregacem as mangas, vamos ao trabalho!



MEMÓRIAS: O TRABALHO (dos 12 aos 80)

Que tema pouco inspirador, estarás tu a pensar... e, no entanto, a nossa vida está rodeada de trabalho, desde os primórdios da espécie ou mesmo da vida no planeta. Sempre que um ser vivo despende energia para se alimentar e para cuidar da sobrevivência da espécie está a trabalhar, pelo menos em sentido lato. Quando, no Paleolítico, o homem partia para a caça e a mulher colhia bagas e frutos e cuidava das “crias”, isso era trabalho. Quando construíam instrumentos de caça e pesca e tratavam das peles dos animais para se agasalhar, isso era trabalho. Quando a espécie humana se sedentarizou e passou a semear a terra e a

domesticar animais, a construir casas e utensílios para a cozinha e para a lavoura, isso também era trabalho. Quando as sociedades se complexificaram e as pessoas se foram especializando em ofícios (ferreiro, carpinteiro, marceneiro, oleiro, costureiro, sapateiro e por aí fora) e passaram a fazer trocas, ou seja, a fazer comércio, isso era trabalho. E quando para comerciar inventaram um instrumento – a moeda – para facilitar as trocas, isso continua a ser trabalho. Quando o próprio comércio se tornou um ofício independente da produção, continuou a ser trabalho. Quando a técnica e as máquinas, cada vez mais sofisticadas, foram postas ao serviço da produção e se começou a poder falar de indústria, mais uma vez estamos na presença de trabalho e ainda assim não esgotámos o universo semântico da palavra.

À medida que a técnica se foi desenvolvendo, a partir sobretudo do século XVIII, o trabalho foi ficando cada vez mais mecanizado e eficiente, mas também mais fragmentado e foram-se perdendo saberes profissionais. Por exemplo, o sapateiro artesanal que conhecia todas as fases de produção de um sapato foi desaparecendo progressivamente para dar lugar a um conjunto de operários em que cada um apenas dominava uma fase muito limitada e mecanizada do processo, como pôr os pregos na sola ou fazer os furos para os atacadores com a ajuda de uma máquina. Ganhou-se em produtividade, mas perdeu-se em saber e realização profissional. Chegámos, portanto, à fase do trabalho industrial e das linhas de montagem. Se já viste o filme OS TEMPOS MODERNOS de Chaplin, sabes do que estamos a falar, se ainda não viste está na altura de o fazeres. Em termos de sectores de atividade, já quase fechámos o ciclo do trabalho, temos a agricultura, a pecuária, a pesca e extração mineira (de que ainda não tínhamos falado), a indústria transformadora e o comércio, faltam os serviços. Esses também são tão antigos quanto a espécie e evoluíram com ela. Chama-se serviços a todas as atividades não produtivas no sentido clássico – produção alimentar ou de objetos - mas essenciais à espécie e à vida em sociedade como a saúde, a educação, a cultura, a administração pública, a justiça, a banca, os serviços administrativos e por aí fora.

Hoje em dia, quase todo o trabalho é assalariado, por conta de outrem ou por conta própria, bem ou mal pago, ou seja, está inserido no mercado de trabalho e tem como contrapartida uma retribuição. Mas nem sempre foi assim. Nas primeiras comunidades humanas, as famílias ou as tribos funcionavam como unidades de produção autónomas, tiravam da terra e dos animais tudo o que necessitavam para viver. Não precisavam de salário porque trabalhavam para si e se precisassem de alguma coisa que não produzissem trocavam com a família vizinha ou iam ao mercado vender o que produziam em excesso e comprar aquilo de que tinham falta. Na Idade Média, os servos da gleba também não recebiam retribuição. Exploravam uma parcela de terra do senhor feudal, beneficiavam da sua proteção militar e estavam obrigados, entre outros deveres, a ceder-lhes uma parte substancial da produção. Viviam do pouco que sobrava para si. Também fora de qualquer autonomia ou retribuição existiu, e infelizmente ainda existe de formas clandestinas, o trabalho escravo. Existem ainda outras formas de trabalho não assalariado que chegaram à atualidade. Aquele que fazemos por prazer ou sentido de missão como voluntários ou aquele que fazemos para a nossa formação enquanto estudantes. Há ainda uma última forma de trabalho não assalariado que se mantém há séculos, desde os tempos das unidades de produção familiares, exercido exclusivamente pela população feminina. Provavelmente conheces mulheres, amigas ou da tua família, que são ou foram donas de casa. Pois é, essas mulheres trabalham ou trabalharam como os maridos, muitas horas por dia, todos os dias do ano, sem folgas ou férias, a cuidar da casa e da família e nunca receberam um salário. Entende-se que vivem numa unidade económica familiar, mas isso tem um reverso muito pouco simpático - a sua dependência de maridos e filhos.

Como vês, o trabalho está por todo o lado e conhecer a sua história, a forma como evoluiu e as relações sociais que o enquadram pode ser muito interessante e aqui deixámos só umas pinceladas impressionistas. Ainda assim, esta dissertação já vai longa e os filmes escolhidos representam só uma ínfima parte deste mundo.

Os quatro filmes selecionados da Cinemateca Digital para ilustrar o tema do trabalho dão-nos uma panorâmica de várias atividades económicas do século XX, das mais artesanais e recuadas no tempo às mais industrializadas. A vinha e a produção vinícola no filme VINDIMAS DA CASA ANDRESEN (1914), a pesca do pilado (caranguejo) e a extração do sargaço na praia da APÚLIA (1938), o comércio nas FEIRAS E MERCADOS

(1941) e por fim uma “sinfonia” do TRABALHO (1978) que, à maneira do género cinematográfico vanguardista das “sinfonias urbanas” do princípio do século XX, faz uma homenagem à dinâmica da produção.



VINDIMAS DA CASA ANDRESEN

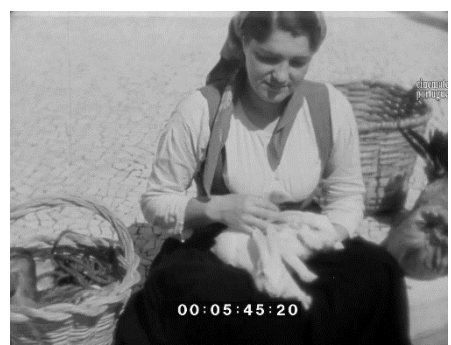
No filme VINDIMAS DA CASA ANDRESEN de 1914, o mais antigo dos quatro filmes propostos, acompanha-se a produção do vinho, da vindima à distribuição. Na primeira cena, estamos em plena vinha e assistimos à poda, com várias mulheres a trabalhar e alguns homens de aparência cuidada, provavelmente membros da família Andresen, a supervisionar os trabalhos. Segue-se um plano longo, com a câmara de filmar colocada estrategicamente num ponto onde apanha o grupo feminino no sopé do monte e girando levemente para a direita e para cima acompanha os homens que carregam às costas grandes cestos de uvas, socalcos acima. A escolha de um bom sítio para montar o tripé e a câmara de filmar, ou seja, a escolha de um bom ponto de vista, foi determinante para cobrir de forma elegante e económica vários planos de ação. Caso para dizer que estamos na presença de um bom trabalhador invisível, o homem da câmara de filmar. Depois da poda, vamos para o lagar, onde um grupo de homens e mulheres pisa as uvas; segue-se o engarrafamento do vinho, a rolhagem e etiquetagem das garrafas, atividades já servidas com a tecnologia de ponta da época. Quase uma linha de montagem à Henry Ford. Segue-se mais um plano exemplarmente estudado, com a câmara fixa a apanhar ao longe a fila de mulheres com as caixas de vinho à cabeça e a acompanhar o seu movimento cada vez mais próximo, a vê-las a galgar uma tábua para entrar num batel e por fim a depositar as caixas sobre um muro de outras caixas, por trás do qual está instalada a nossa câmara. Parabéns às mulheres e ao homem da câmara de filmar, bom trabalho!

O filme segue com um longo *travelling* de comboio. A câmara faz a mesma viagem dos barris de vinho até a um porto de embarque. A propósito sabes o que é um *travelling*? É um plano feito com a câmara realmente a deslocar-se no espaço, para registar uma paisagem ou o movimento de uma personagem. Aqui a personagem que se acompanha é aquela que transporta a câmara – o comboio e a sua viagem - e sem a qual nesta época este tipo de plano seria muito difícil. As primeiras imagens captadas com a câmara em movimento foram feitas pelos irmãos Lumière e pelos seus operadores, também com a câmara instalada à janela de um comboio e mais tarde numa barça a passear no Nilo e numa gondola a deslocar-se no Grande Canal veneziano.



APÚLIA

No filme APÚLIA, a beleza das imagens impressiona tanto quanto o registo documental e etnográfico da faina do pilado (pesca do caranguejo) e do sargaço (algas), ambos de grande valor como fertilizante das terras agrícolas. O trabalho partilhado por homens e mulheres é bastante violento, mas ao olho do observador infinitamente belo. Vê bem as imagens das mulheres mergulhadas quase até aos ombros e a saída da água com as grandes redes cheias de algas, ou as imagens das juntas de bois na praia a puxar as carroças cheias de pilado. Em 1938 o realizador deste filme, F. Carneiro Mendes, já nosso conhecido da ficha [COLONIALISMO](#) com o filme A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS (segue a ligação a azul e procura o filme), usa uma câmara de 16 mm mais portátil e mais fácil de movimentar. Comparando com o filme das vindimas, esta câmara parece muito mais livre, dá a sensação que já consegue acompanhar sem mudança de plano algum dos movimentos da faina.



FEIRAS E MERCADOS

Para os amantes de feiras e mercados, este filme é uma deliciosa oportunidade de espreitar uma feira do início da década de quarenta. Talvez não seja só uma, mas várias transformadas numa só pelo trabalho (cá está ele de novo) de montagem (organização dos planos por uma ordem diferente daquela em que foram filmados). Mais uma das maravilhas do cinema que tem a capacidade de criar espaços imaginários, com a ajuda, à época, de uma tesoura e duma coladeira (instrumento para colar película). O “colorido” e o movimento da feira é bem sugerido por uma combinação de planos de várias escalas. Do espaço captado no seu conjunto de um ponto alto, ao *close-up* (plano de pormenor) da mão que pega na pera. Este filme, já com som e com locução, é obra dos realizadores Adolfo Coelho e Manuel Luiz Vieira (aqui responsável pela fotografia), já nossos conhecidos da ficha [PAISAGENS](#) (segue a ligação a azul e procura os filmes e mais informação sobre os realizadores). O passeio pela feira tem um cicerone invisível, uma *voz-off* que debita um texto pitoresco no “bom” estilo da propaganda do Estado Novo. “Numa época em que pelo mundo convulsionado se avolumam as restrições alimentares e o espectro da fome ameaça populações inteiras, é bem consolador a visão das nossas feiras e mercados, que de norte a sul do país apresentam o seu ingénuo estendal dos produtos da nossa terra”. Cá está de novo a ideia do país humilde, trabalhador e alegre, já referida na ficha [VIAGENS NA MINHA TERRA](#), aqui reforçada pela ideia de paraíso na terra em tempo de guerra. E, com efeito, este filme consola. É um regalo passear pelas bancas de fruta e hortícolas, ver o gado e os animais de capoeira, as broas, as regueifas e pãezinhos de erva doce ... e as loiças, lindas como já não se veem.



TRABALHO

Tal como o filme FEIRAS E MERCADOS, o TRABALHO de 1978 é uma produção institucional de Estado, vejamos os créditos. Não tendo diálogos ou locução, a montagem é uma clara homenagem à máquina produtiva industrial do país saído da revolução do 25 de Abril de 1974. Tal como foi dito atrás, o filme organiza-se como uma “sinfonia do trabalho”, por referência a um género cinematográfico vanguardista da década de vinte e princípio da década de trinta do século passado, a Sinfonia Urbana, que exaltava o progresso e o movimento das cidades com um trabalho essencial de montagem a sublinhar o ritmo da vida moderna. E, no entanto, este filme nada tem de vanguardista e é até um pouco antiquado – veja-se a forma como introduz a história de Portugal através de uma digressão pela estatuária e por edifícios emblemáticos, como o Templo de Diana ou o Paço dos Duques de Bragança em Guimarães. Depois dessa passagem bizarra e passadista pelos marcos da história lusitana, entra no tema e faz um itinerário completo pelas atividades económicas do país, das mais industrializadas às mais tradicionais, com clara primazia das primeiras, acompanhando o bailado do

trabalho com várias entradas musicais. Ritmos acelerados a acompanhar as cadeias de montagem das indústrias e ritmos lentos para as cenas rurais da sementeira, da ceifa e da pastorícia.

FILMES:

(clica nas ligações a azul)

VINDIMAS DA CASA ANDRESEN

Invicta Film (1910-1928) - Companhia produtora

Portugal, 1914, Género: Documentário

Duração: 00:12:37, 16 fps, Formato: 35 mm, PB, sem som

APÚLIA

F. Carneiro Mendes (1893-1976) – Realizador e Diretor de fotografia

Portugal, 1938, Género: Documentário

Duração: 00:15:52, 16 fps, Formato: 16 mm, PB, sem som

FEIRAS E MERCADOS

Adolfo Coelho (1899-1953) – Realizador, Manuel Luiz Vieira - Fotografia

Encomenda do Ministério da Economia, Direção Geral dos Serviços Agrícolas e Repartição de Estudos, Informação e Propaganda.

Portugal, 1941, Género: Documentário

Duração: 00:07:09, 24 fps, Formato: 35mm, PB, com som

TRABALHO

Autor desconhecido,

Encomenda da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e Imigração, S.E. da Comunicação Social e S.E. da Cultura

Portugal, 1978, Género: Documentário

Duração: 00:20:14, 24 fps, Formato: 16mm, Cor, com som

PARA PENSAR depois de ver os filmes:

Em muitas das cenas do filme TRABALHO veem-se quase só máquinas e muito poucos trabalhadores, e estávamos só em 1978. Nestes últimos quarenta anos, foram dados pulos tecnológicos ainda mais espetaculares - automação, computadores, internet. Como imaginas que será o trabalho no futuro? Haverá trabalho para toda a gente? E se não houver, como é que as pessoas vão sobreviver? E se te dissermos que uma das utopias mais aguardadas é a das máquinas virem a substituir as pessoas no trabalho e destas ficarem livres para se dedicarem às atividades que lhes dão mais prazer. Achas esta situação desejável? Para todo o tipo de trabalhos ou só para alguns? Nesse caso, quais? Em que condições achas possível realizar esta utopia? Quem pagaria às pessoas que não trabalham? O Estado? As empresas? E donde viria o dinheiro? Dos impostos? Fala com os teus pais e professores e procura com eles algumas respostas.

e PARA FAZER:

Como viste, apenas dois dos filmes têm som e apenas um tem locução com *voz-off*. Que tal, escreveres um texto sobre a atividade retratada num dos filmes ou em parte dele e depois, fazendo correr o filme, gravares a tua voz num telemóvel a fazer a locução em sincronia com as imagens? Como sabes, no tempo do cinema mudo, os filmes eram normalmente vistos com música tocada ao vivo nas salas, normalmente uma pequena orquestra ou piano. Se tocares um instrumento, podes escolher uma das pautas que conheças, ou mesmo compor, e acompanhar o filme que mais te inspire ou para o qual a música se adapte melhor e gravar a interpretação. Um outro exercício interessante poderá ser filmares uma qualquer forma de trabalho. Pode ser a tua família a cozinhar ou a fazer as limpezas da casa ou então formas de trabalho público que encontras no teu bairro, a mercearia, a padaria, os cafés, a tabacaria e papelaria, a praça ou o mercado local, as pessoas que fazem a limpeza da rua, os trabalhadores da construção civil ou os transportes públicos.

Envia-nos o teu trabalho (ficheiro de som e/ou filme), o teu nome e idade, para o email: cinemateca.junior@cinemateca.pt. Vamos oferecer, como prémio de participação, bilhetes para sessões de cinema quando a sala da Cinemateca Júnior reabrir (bilhetes para duas sessões à escolha, para toda a família, até quatro bilhetes por sessão).

As escolas também podem participar. Enviem-nos o(s) vosso(s) ficheiro(s) de som e/ou filme(s). Oferecemos uma sessão gratuita de cinema para as turmas participantes, com os filmes da nossa coleção, que podem consultar [AQUI](#).

Bons filmes!